



## FATORES DE VULNERABILIDADE SOCIETA E MECANISMOS DE PROTEÇÃO SOCIAL SUBJACENTE À MIGRAÇÃO DE HAITIANOS PARA O BRASIL<sup>1</sup>

Margarita Rosa Gaviria Mejía  
(Profa. CCHS ; PPGAD UNIVATES)  
Rosmari Cazarotto  
(Profa. CCHS UNIVATES)

**RESUMO:** A ilha paradisíaca da época da colonização espanhola, chamada de *Pérola das Antilhas* no século XVIII, por ser a colônia mais rica da França, é no século XXI o país mais pobre do continente americano. Atualmente, no Haiti, 80% da população vive abaixo da linha da pobreza. Quadro decorrente de uma longa história de violência política, econômica e ambiental, perante o qual os haitianos obrigam-se a procurar caminhos alternativos, como migrar. Para apreender os elementos políticos, econômicos e culturais que dão suporte à imigração dos haitianos para o Brasil, após o terremoto de 2010, nos remetemos a fatores de vulnerabilidade social vivenciada no Haiti ao longo de sua história; observamos que a imagem do Brasil como potência latino-americana favorece o fluxo migratório de haitianos para o Brasil e as condições em que estes migrantes se estabelecem no país de acolhida. Após a contextualização histórica e social do processo migratório, discorreremos acerca dos mecanismos de proteção social nos quais se sustenta esse processo, tomando como referência o estudo etnográfico realizado na região do Vale de Taquari ao sul do Brasil, que concentra um amplo contingente de migrantes haitianos. Seguimos o pressuposto metodológico de Levi-Strauss conforme o qual um estudo particular pode ter um alcance geral.

**Palavras chaves:** Haiti, migração, vulnerabilidade social, mecanismos de proteção social.

---

<sup>1</sup> Na elaboração deste artigo incluíram-se as contribuições teóricas sobre o assunto do Prof. Doutor Daniel Granada da UNIVATES, participante no projeto de Pesquisa: “**Imigração de haitianos para o Brasil: análises de um processo em construção a partir de um estudo de caso**”, coordenado pela Prof. Dra. Margarita Rosa Gaviria Mejía, financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) do Brasil no biênio 2014-2016. Com apoio institucional do Centro Universitário UNIVATES, RS, Brasil.

**ABSTRACT:** The paradise island of Spanish colonization time, called Antilles Pearl in the eighteenth century, for being the richest colony of France, in twenty-first century is the poorest country in American continent. Currently, in Haiti, 80% of the population lives below poverty line. This frame is a result from a long history of political, economic and environmental violence, before which Haitians are obliged to look for alternative ways, like migrate. To meet the political, economic and cultural elements that support the immigration of Haitians to Brazil, after the earthquake of 2010, we refer in this article to social vulnerability factors experienced in Haiti throughout its history. We observe that the image of Brazil as a Latin American power, favors Haitians migration to Brazil and the conditions under which these immigrants settle in the host country. After the historical and social context of the migration process, we discuss about social protection mechanisms which supports this process, with reference to the ethnographic study in Taquari Valley region, south Brazil, where are concentrated a large contingent of Haitian migrants. We followed the methodological Levi-Strauss assumption as which a particular study may have a general application.

**Key words:** Haiti, migration, social vulnerability, social protection mechanisms.

## **Introdução**

A ilha paradisíaca da época da colonização espanhola, chamada de *Pérola das Antilhas* no século XVIII, por ser a colônia mais rica da França, devido às plantações de cana de açúcar, é, no século XXI, o país mais pobre do continente americano (WOODING y MOSELEY-WILLIAMS, 2004). No Haiti, 80% da população está abaixo da linha da pobreza (LOUIDOR, 2013) e dois terços sobrevivem da pesca e da agricultura praticada em espaços erosivos, marcados pela sobre-exploração e o desmatamento, restando 2% de áreas de florestas, em 2006. Quadro decorrente de uma longa história de violência política, econômica e ambiental, perante o qual os haitianos obrigam-se a procurar caminhos alternativos, como migrar.

Para compreender os elementos políticos, econômicos e culturais que dão suporte à imigração dos haitianos para o Brasil, após o terremoto de 2010, é preciso evocar fatos que provocam a vulnerabilidade social vivenciada nesse país ao longo de sua história. Assunto sobre o qual tratamos na primeira parte deste artigo,

apoiados em informações históricas. Na segunda parte, tratamos sobre fatos, além do terremoto, que marcaram o processo migratório para o Brasil, assinalando as peculiaridades do processo numa região de Rio Grande do Sul onde se encontra um amplo contingente migratório.

Nesse contexto, analisamos dados empíricos sobre mecanismos de proteção social subjacentes ao processo migratório dos haitianos para o Brasil, elaborados a partir de um estudo etnográfico realizado em um município de 21.069 habitantes .

### **Construção histórica da vulnerabilidade social**

A vulnerabilidade social do Haiti inicia-se com o genocídio dos índios que habitavam a Ilha durante a colonização espanhola. A partir de 1650, o lado ocidental da ilha é ocupado pela França<sup>2</sup> com negros africanos. Escravizados e maltratados, os negros se revoltam contra os franceses inspirados nas práticas religiosas do vodu. Conforme as narrativas históricas, os escravos haitianos se conectavam com seus ancestrais africanos e recebiam mensagens revolucionárias que os instigavam a lutar (OLIVELLA, apud LOUIDOR, 2013). A inspiração religiosa lhes deu forças para vencer na luta pela liberdade e derrotar, em 1804, o exército de Napoleão Bonaparte. Rebelião que serviu de modelo para outros países na luta contra a escravidão (LOUIDOR, 2013). Mas, o preço da liberdade foi alto.

Após a independência, o Haiti começa a pagar para a França uma indenização superior a sua renda, recorrendo a empréstimos em bancos franceses. Dívida que obrigou o Haiti a transferir capitais e recursos naturais para a antiga metrópole (GALEANO, apud LOUIDOR, 2013). O endividamento insere o Haiti num processo de dependência econômica progressiva, que o tornou prisioneiro do capital estrangeiro e, em consequência, de políticas econômicas e políticas externas. De modo que, as atividades econômicas de subsistência destinadas a satisfazer as necessidades básicas da população, no âmbito local, são suplantadas pelas exportações para França, Estados Unidos e outros países (LOUIDOR, 2013).

A dependência econômica do Haiti das grandes potências se reflete na instabilidade política interna, manifesta em divisões e enfrentamentos entre facções políticas. Fatos que contribuíram para a ocupação do Haiti pelos Estados Unidos

---

<sup>2</sup> Através do Tratado de Ryswick Espanha e França se dividem a ilha, a Espanha fica com o que hoje é Santo Domingo e a França com o que corresponde ao Haiti (LOUIDOR, 2013).

entre 1915 e 1934 sob o pretexto de estabilizar o país. Os Estados Unidos implantam na Ilha corporações que abrigam indústrias açucareiras e bananeiras, fazem exportações de sisal, borracha, cana de açúcar e banana, permitindo a apropriação dos recursos financeiros do Banco Nacional da República do Haiti (BNRH) Além disso, amparados pelo governo local, os Estados Unidos exploram e expropriam os camponeses de suas terras, chegando ao ponto de, em 1945, permitir, por decreto, que corporações americanas como a Sociedade Haitiano-Americana de Desenvolvimento Agrícola destruísse plantações de produtos alimentícios, agrícolas e frutíferos (LOUIDOR, 2013).

A ocupação americana termina em 1934, no entanto a presença das forças armadas haitianas, criadas por americanos, permanecem e apoiam a ditadura dos Duvalier que inicia em 1957 e termina 30 anos depois. Novamente, nesse context, a religião revela-se um forte estímulo à luta contra a opressão e a corrupção do país. A Teologia da Libertação convida o povo a lutar para transformar à luz da fé tal realidade, e conquistar sua segunda independência em 7 de fevereiro de 1986. Sonho que durou pouco, pois regimes autoritários decorrentes de golpes de Estado dirigem o país até 1994 ( LOUIDOR, 2013).

Na década de 1990 aumenta a dependência econômica, financeira e militar do Haiti em relação às grandes potências. Dependência causada pela liberalização comercial e financeira, a presença militar das “missões de paz” das Nações Unidas e o controle de políticas públicas por parte das instituições financeiras internacionais. No Haiti, cresce a abertura para o mercado externo devido à redução de tarifas de importação. E os capitais gerados nas importações são transferidos ao exterior, principalmente aos Estados Unidos.

Segundo a organização haitiana PAPDA<sup>3</sup>, as políticas públicas do Haiti têm sido definidas durante os últimos 20 anos por especialistas de instituições financeiras internacionais acreditadas no Haiti, acompanhados por políticos e burocratas haitianos e supostamente por membros da sociedade civil. Essas políticas públicas são desfavoráveis à população haitiana e provocam a intensificação da dependência em instituições financeiras internacionais.

---

<sup>3</sup> A **Haitian Platform to Advocate Alternative Development (PAPDA)** é uma coalizão de nove organizações não governamentais que trabalham no desenvolvimento de movimentos populares Haitianos como uma alternativa ao modelo econômico neoliberal.  
<http://www.grassrootsonline.org/where-we-work/haiti/haitian-platform-advocate-alternative-development-papda>

Acerca do assunto, Seguy (2014) afirma que o “Haiti está se tornando uma colônia” aos moldes do século 21, cujo senhor é o “capital transnacional”. O sociólogo cita a expropriação de 250 hectares de terras cultivadas por famílias do campo. Bem como, o fato de que o dinheiro recaudado para reconstruir o país após o terremoto não é bem utilizado. De maneira que, para sobreviver, os haitianos acabam aceitando longas jornadas de trabalho em troca de um salário equivalente a cinco dólares por dia.<sup>4</sup>

A instabilidade política que enfrenta o Haiti desde 1993 permitiu a entrada no país de cinco missões de apoio e manutenção da paz, acusadas de violações aos direitos humanos contra os cidadãos haitianos. A missão atual é a Minustah (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti), que estabeleceu-se em 2004 para permanecer seis meses e completa uma década. Sua saída está prevista para iniciar em 2016 (RODRIGUES MOZINE, 2013).

A Minustah é apontada de reprimir protestos sociais e perpetrar violações aos direitos humanos, abusos sexuais contra jovens, homens e mulheres. Fato que desencadeou no Haiti uma luta por sua saída imediata, encabeçada por estudantes da Universidade do Estado do Haiti (LOUIDOR, 2013). Expressam o desejo de que os haitianos tomem conta de seu destino e dizem não haver justificativa para a intervenção militar antes ou depois da queda do presidente Jean-Bertrand Aristide. Amparados em pesquisas, os haitianos acusam essa Missão de ter levado a bactéria do cólera, através dos militares nepaleses (ALMEIDA, 2014)<sup>5</sup>.

Apesar da dificuldade, o povo haitiano tem a vontade e a capacidade de buscar caminhos alternativos (ESQUIVEL, 2013). Nos discursos dos haitianos percebe-se que são seguidores da filosofia do Toussaint Louverture, precursor da independência que falou para os franceses quando o capturaram e deportaram: “vocês me derrubaram, mas só cortaram o tronco da liberdade dos negros. Ela brotara de novo porque suas raízes são muitas, e profundas” (ALLEGRI, 2013; p. 9).

### **Terremoto 2010**

---

<sup>4</sup> Haiti foi recolonizado pelas forças de paz, defende o sociólogo haitiano Franck Seguy em sua tese : “A catástrofe de janeiro de 2010, a ‘Internacional Comunitária’ e a recolonização do Haiti.” Unicamp, 2014.

<sup>5</sup> <http://diplomattizando.blogspot.com.br/2014/06/haiti-um-estado-falido-dependente.html>

O terremoto de janeiro de 2010<sup>6</sup>, considerado o maior desastre natural das últimas décadas, contribuiu para reforçar a influência norte-americana no Haiti. Os Estados Unidos enviam 20.000 marines para controlar o país. Assim, o desastre renova o interesse internacional no Haiti, organizam-se diversas cúpulas internacionais com o objetivo de reconstruir a Ilha, no marco do qual os Estados Unidos e a Europa disputam entre si a liderança pela reconstrução, que pode mobilizar 9 bilhões de dólares em 10 anos (LOUIDOR, 2013; p. 25).

Uma das instituições haitiana-internacional, a Comissão Interina para a Reconstrução do Haiti (CIRH), constituída após o terremoto, é controlada por grandes potências e organismos internacionais, entre eles destaca-se os Estados Unidos. Os críticos argumentam que o CIRH não beneficia os haitianos, mas aos doadores, pois possibilita canalizar contratos de projetos multinacionais. Diante deste quadro, as organizações de direitos humanos de haitianos desabrigados têm protestado contra o processo lento de reconstrução, a dependência e a falta de transferência na gestão dos fundos.

O panorama do Haiti não é só desolador em termos econômicos e ambientais, mas também políticos. O Estado, tomado por intervenções estrangeiras, carece de autonomia no território nacional. Quadro que tem forçado, nas últimas décadas, a mais de um quarto da população a emigrar (LOUIDOR, 2013). Migram em vista de que a solidariedade e o auxílio humanitário internacional que o Haiti tem recebido para enfrentar a crise econômica, política e ambiental não permitiram melhorar o país. “Muitas ONGs são corruptas e as construções de fato não foram feitas para a população local”, confirma o padre Paolo Parise da Missão Paz presente no Haiti antes mesmo do terremoto.

Por sua vez, os analistas políticos assinalam que a migração é uma estratégia econômica encontrada para resolver, em parte, as dificuldades econômicas do país. Um terço do orçamento da Ilha é financiado por imigrantes (RODRIGUES MOZINE, 2013). Estudos sobre migração mostram como os problemas socioeconômicos são frequentes quando se justifica a escolha de partir em busca de uma melhor condição de vida e trabalho no exterior. No caso dos haitianos não é diferente, mas não são

---

<sup>6</sup> Terremoto de 7 graus na escala Richter, que atingiu cerca de 3 milhões de pessoas, provocou 220 mil mortes e desabrigou 1,6 milhão de habitantes (Mozine, Freitas, Rodriguez, 2012;; apud Mamed, 2013)

os únicos, a crise política interna, as violações aos direitos humanos, a falta de infraestrutura, entre outros, estimulam a migração. .

Os haitianos decidem atravessar fronteiras internacionais desde 1957. Processo que se intensifica nas últimas décadas. A imigração haitiana para os Estados Unidos triplicou entre 1990 e 2012, o censo de 2010 contou quase um milhão de haitianos nesse país<sup>7</sup> . Também há populações na França (77,000), Canadá (74,000), e Bahamas (40,000)<sup>8</sup>. Na República Dominicana, único país a dividir fronteira terrestre com o Haiti, estima-se que haja entre 500 mil e 800 mil haitianos.

Por causa do terremoto de 2010, e perante as dificuldades de migrar para os Estados Unidos e a Europa, os haitianos procuram o Brasil.<sup>9</sup> Conforme o representante da OEA no Haiti de 2009 até 2011, entre 65% e 80% da população haitiana planeja se mudar para o Brasil (ALMEIDA, 2014) <sup>10</sup>. Dados do Governo Federal Brasileiro indicam que do início de 2010 até o final de 2013, vinte e um mil haitianos obtiveram vistos permanentes para viver no Brasil. O número total de haitianos no Brasil é, no entanto, desconhecido, já que muitos ainda aguardam o visto<sup>11</sup>. Mesmo assim esta migração é menor em comparação ao total de imigrantes haitianos em países com Estados Unidos e Canadá.

Deslocam-se também para países de América do Sul<sup>12</sup>, mas o Brasil é o destino preferido. Alguns haitianos ao narrar sua trajetória como imigrante dizem que saíram às pressas para o Brasil achando que este país iria fechar as fronteiras. Um deles conta que ao passar pelo Peru, indo em direção ao estado do Acre no Brasil, se uniu a outros haitianos que tinham sido chamados para ficar no Peru e em

---

<sup>7</sup> [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140425\\_haitianos\\_entenda\\_if.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140425_haitianos_entenda_if.shtml)

João Fellet e Luis Kawaguti

<sup>8</sup> **Haitian Immigrants in the United States MAY 29, 2014 SPOTLIGHT** By Chiamaka Nwosu, Jeanne Batalov. Site: <http://migrationpolicy.org/article/haitian-immigrants-united-states-0>

<sup>9</sup> [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140425\\_haitianos\\_entenda\\_if.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140425_haitianos_entenda_if.shtml)

João Fellet e Luis Kawaguti

<sup>10</sup> <http://diplomattizando.blogspot.com.br/2014/06/haiti-um-estado-falido-dependente.html>

<sup>11</sup> [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140425\\_haitianos\\_entenda\\_if.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140425_haitianos_entenda_if.shtml)

João Fellet e Luis Kawaguti

<sup>12</sup> Em 2010, o Alto Comissariado da ONU para Refugiados registrou 25.892 refugiados (MAMED...).

marcha pública manifestaram a preferência pelo Brasil, “Peru não, Brasil sim”, gritaram.

### **Brasil no Haiti e o Haiti no Brasil**

A política externa brasileira frisa seu papel de protagonista solidário com o povo haitiano, fato que contribui para o Brasil conquistar maior representação internacional e se destacar enquanto potência latino-americana. Através de suas ações, como coordenador da Minustah, projetou sua imagem e sua bandeira<sup>13</sup>. Para Seguy (2014) o Brasil favorece o processo de “recolonização” ao comandar as forças de segurança. Este sociólogo c

onsidera que a liderança do Brasil vem assumindo “pretensões sub-imperialistas”. Como o Haiti não tem exército, nem uma polícia militar nacional suficientemente treinada para repressão, a Internacional Comunitária contrata soldados e policiais de outros países.

A intervenção estrangeira no Haiti coloca em evidencia as desigualdades econômicas internacionais e regionais inerentes ao desenvolvimento do capitalismo, traduzidas em diferenças significativas de incentivo salarial entre os diversos países, que estimulam a migração. Assim, se por um lado países como Brasil investem na construção da Rodovia Transoceânica para atender o dinamismo capitalista da região; por outro, a mesma rodovia é utilizada por trabalhadores de países periféricos para se mobilizar em busca de emprego e melhores condições de vida<sup>14</sup>. No Brasil depositam a esperança de arrumar emprego e estabilidade financeira. Grande parte dos haitianos no Brasil diz ter optado por este país pelo tamanho de sua economia e as possibilidades de emprego.

Em 2010, os haitianos começaram a entrar ao Brasil pelas fronteiras no norte do país, principalmente pelo Acre, onde recebem ajuda humanitária organizada pelo governo local com recursos federais, auxílio de igrejas, sociedade civil e voluntários. A partir de 2012, o governo estadual os abrigou em um alojamento na cidade de Brasileia, na fronteira com a Bolívia, e lhes deu a documentação necessária para ingressar no mercado de trabalho, já que chegavam sem vistos. Permaneciam ali

---

<sup>13</sup> <http://diplomattizando.blogspot.com.br/2014/06/haiti-um-estado-falido-dependente.html>

<sup>14</sup> MAMED E LIMA. Trabalho e migração internacional: o caso dos haitianos na Amazônia ocidental. GT. ALAS, 2013.



até tirar os documentos para trabalhar legalmente no país. Facilidade que motiva os haitianos que estavam no Acre a convidar seus conterrâneos, provocando o fluxo migratório constante, comparável, conforme o Itamaraty, com a entrada em massa de japoneses e italianos ocorrido no final do período imperial e início da República Velha.

O intenso fluxo migratório de haitianos para o Brasil desde 2010, fez o governo brasileiro, em janeiro de 2012, através do Conselho Nacional de Imigração (CNIG), aceitar a entrada de haitianos e criar um visto especial para eles, nomeado visto humanitário, concedido àqueles que não tinham antecedentes penais. No entanto, o Brasil lhes nega o status de refugiados, apesar da existência de um regime internacional de refugiados e das declarações de América Latina dirigidas a proteger os migrantes forçados<sup>15</sup>. Na situação em que se encontram ficam sujeitos à vontade política do Estado.

O crescimento da migração levou o governo do Acre, uma das principais portas de entrada de haitianos para o Brasil, a decretar estado de emergência social em Brasileia em abril de 2013. Enquanto que o Governo Federal Brasileiro suspende o limite de vistos permanentes em caráter humanitário para os haitianos, decisão publicada no Diário Oficial da União (RODRIGUES MOZINE, 2013). O contingente de imigrantes não parou de crescer, por isso, em abril de 2014, o governo do Acre resolveu fechar o abrigo em Brasileia e transferir parte dos imigrantes à capital, Rio Branco, e outros a São Paulo. Medida que o governo acreano justifica pelo fato de que a permanência dos imigrantes em Brasileia representava um risco para a população local, que começou a enfrentar problemas pela falta de infraestrutura para acolher os recém chegados.

### **Ultrapassando fronteiras físicas e sociais**

Uma parcela de população haitiana que se encontrava no Acre em 2012 começa a ser recrutada por empresas no Sul e Sudeste do Brasil. E um dos destinos

---

<sup>15</sup> Não são considerados refugiados por não se incluírem nos requisitos da Convenção de Genebra de 1951 e também da Lei brasileira do Refúgio 9.474/97, muito embora o inciso III da lei brasileira considere que “devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país” dando interpretação ampla, na qual os haitianos poderiam ser reconhecidos como refugiados pelo governo brasileiro. Existiu inclusive, ação civil pública movida pelo Ministério Público Federal sobre essa questão. Porém, o juiz federal confirmou a decisão do CONARE, e manteve a decisão numa interpretação restritiva de não considerá-los refugiados. **Migrantes Haitianos no Brasil: Mitos e Contradições** Viviane Mozine Rodrigues PUC/SP e UVV/ES. ALAS, GT 09, 2013

é o Vale do Taquari, localizado na porção centro-oriental do estado do Rio Grande do Sul. Constituído por 36 municípios e uma população de 329.258 habitantes em 2011 (FEE, 2013) <sup>16</sup>. Território aonde, nos últimos anos, vem se acentuando o problema da falta de mão de obra nas indústrias de alimentos, cooperativas e empresas de construção civil.

A demanda da mão de obra haitiana em municípios do Vale do Taquari revela que não só o crescimento econômico de serviços em grandes cidades demanda de força de trabalho internacional com conhecimento técnico. Cidades de interior e pequenas localidades também precisam para seu crescimento econômico do imigrante internacional que exerce atividades manuais, sem muita qualificação e baixa remuneração.

Embasados na orientação metodológica que enfatiza a cidade e os migrantes, não a migração na cidade, salientamos como os migrantes contribuem na reestruturação das cidades de assentamento ou daquelas as que estão transnacionalmente conectados. Se no âmbito político os migrantes tendem a ser vistos como problema social, o que as pesquisas indicam é que cada vez mais os migrantes internacionais são atores significantes na reconstituição da vida diária, econômica e política das cidades no mundo (SCHILLER E ÇAGLOR, 2011).

Pequenas cidades como Encantado, município de 21.609 habitantes no Vale do Taquari onde desenvolvemos um estudo de caso, são afetadas por competições em investimento, pelas novas economias industriais e por mudanças nas pressões do mercado, e o imigrante desempenha um papel importante no processo de mudança. Pois, como assinalam Schiller e Çaglor (2011) na introdução do livro “Location Migration”, a economia neoliberal atinge tanto as grandes cidades quanto as pequenas. E os imigrantes se incorporam nelas conforme as oportunidades que a cidade lhes oferece, portanto variam de acordo com o contexto.

As oportunidades que Encantado lhes oferece aos haitianos referem-se à infraestrutura local e às possibilidades de desenvolver atividades empresariais, arrumar emprego, investir em educação, moradia e vínculo com a vida cultural local. Desta perspectiva teórica, os migrantes são abordados como residentes de cidades

---

<sup>16</sup> Fundação de Economia e Estatística – FEE.

[http://www.fee.ctche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg\\_coredes\\_detalhe.php?corede=Vale+do+Taquari](http://www.fee.ctche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_coredes_detalhe.php?corede=Vale+do+Taquari)

Consulta em 29 out. 2013.

e atores dentro e através do espaço, mais do que como comunidades étnicas. Levando em conta que a atuação do imigrante muda com o tempo (SCHILLER E ÇAGLOR, 2011).

Nesse sentido, a migração no âmbito de pequenas cidades apresenta peculiaridades que a diferenciam do que acontece em grandes cidades. Schiller e Çaglor (2011) assinalam que o foco em pequenas cidades abre novas luzes para pensar formas de relacionamentos dos migrantes com as cidades e a conexão transnacional.

### **Estudo de caso em Encantado**

Tal como aponta Basch *et al.* (1994), referindo-se ao caso dos haitianos nos Estados Unidos, os imigrantes enfrentam dificuldade em estabelecer suas identidades num mundo em que a classe dominante define as pessoas em termos do relacionamento com o Estado-Nação. A experiência transmigrante não é espacialmente localizada. No entanto, os líderes políticos e os representantes das instituições em Estados-Nação (universidades, filantropias, igrejas) – oferecem construções hegemônicas, geograficamente limitadas, de lealdade e identidade no âmbito das quais os transmigrantes lutam por entender quem são eles e a que lugar do mundo pertencem.

Em nosso estudo de caso, percebemos o embate dos haitianos com a construção hegemônica da Cooperativa que os trouxe inicialmente e os emprega. Que tal como assinala Zamberlam (2014, p.15), baseado em dados da UITA – União de Trabalhadores na Indústria de Alimentos e Agricultura -, no Rio Grande do Sul, “a absorção dos novos imigrantes tem se dado devido à desistência de trabalhadores nacionais que consideram essa atividade ‘massacrante’ e ‘penosa’. Os trabalhadores estão expostos às baixas temperaturas e ao ritmo de trabalho repetitivo” .

Os imigrantes haitianos na Cooperativa foram distribuídos inicialmente por setores, oito deles os direcionaram para trabalhar na Divisão de Produção Agropecuária, nas granjas e na Fábrica de rações, e os demais ficaram no setor de abate de suínos, 80%, e no setor de desossa, 50%. Atividades consideradas árduas e mal remuneradas pela sociedade local devido às condições de trabalho em que se realizam. Contudo, uma avaliação da Unesco em conjunto com a Secretaria de Direitos humanos da Presidência da República, em 2013, registra, no caderno que

trata o tema Direito ao Trabalho com Dignidade, a experiência dos haitianos na Dália como exemplo de educação em direitos humanos. Os critérios levados em consideração para este destaque foi o fato dos haitianos contratados permanecerem na empresa, situação que contrasta com o relato da Secretaria de Direitos Humanos do Acre, segundo o qual, muitos deles não se adaptam às empresas que os empregam<sup>17</sup>.

Como a Cooperativa é a principal empregadora do município, a massa de trabalhadores gira em torno dela. Define valores e práticas que entram em confronto com os valores culturais dos haitianos, os quais ficam desorientados e descontentes ao perceber a natureza das concepções de trabalho e as relações sociais de trabalho em torno das quais se constrói a Cooperativa. Manifestam decepção em relação às expectativas que tinham.

Um ano e meio depois da primeira imigração, há entorno de 300 haitianos em Encantado. O número é aproximado, pois o fluxo é permanente. Fato que dificulta às instituições que desejam fazer um cadastro dos informantes, saber quantos e quem são para ter um controle sobre os mesmos e desenvolver mecanismos de proteção social.

Os últimos imigrantes estão chegando, não através da cooperativa de alimentos que trouxe as primeiras levadas de imigrantes desde Brasileia (uma de 58 e a segunda de 78), mas com recursos próprios e por indicação de parentes e amigos previamente assentados no município, que diziam ter emprego para toda a família. Os que chegam por conta própria para Encantado têm dificuldade para arrumar emprego, em parte, pela falta de documentos. A condição de estrangeiro limita o ingresso ao mercado de trabalho.

A migração de haitianos para o Brasil não é mediada pelo Estado-Nação, mas pelo transnacionalismo. Nele atuam redes familiares e laços de amizade dos imigrantes, bem como as trocas culturais conduzidas por atores não institucionais, sejam eles grupos ou indivíduos que atravessam as fronteiras dos Estados.

---

<sup>17</sup> O material está sendo documentado pela consultora internacional de Educação em Direitos Humanos, Alessandra Teixeira. A advogada e mestre em Legislação Internacional dos Direitos Humanos é quem está atuando junto ao projeto da Unesco

<http://www.informativo.com.br/site/noticia/visualizar/id/42685#ixzz2t25yRR6j>

Conforme os dados apresentados acima, no fluxo migratório de haitianos para o Brasil observa-se, como apontam as teorias neoclássicas sobre migrações de “Push and pull theory”, maiores e melhores oportunidades de trabalho e salário são fatores de atração; enquanto pobreza, desemprego e baixos salários são fatores de expulsão. Acerca dos fatores de atração para o Brasil, Zamberlam et al (2014) apontam o crescimento recente da economia brasileira, a valorização do mínimo (242%), a transferência de renda para a população carente, grandes obras de infraestrutura e a carência de mão de obra qualificada e semiquificada. Contudo, a mobilidade do trabalhador não se dá apenas em função da variabilidade da renda, de um cálculo utilitarista individual. Há também fatores de ordem social e cultural envolvidos que devem ser contemplados para compreender a origem e a manutenção dos movimentos migratórios contemporâneos (MARTES, 1999).

Seguindo a perspectiva teórica de Martes (1999), não focamos a atenção na racionalidade individual (que é premissa fundamental da teoria neoclássica sobre migrações) mas na análise de situações em que o ambiente social afeta e modifica a racionalidade individual e o comportamento econômico. Nesse sentido, sem desprezar a racionalidade dos atores sociais na perseguição dos objetivos, resguardamos a dimensão social dos contextos nos quais os atores atuam e fazem suas escolhas.

Observamos essa dimensão social na escolha do Brasil como destino migratório. Neste país encontram maior possibilidade, do que nos Estados Unidos e na Europa, de trazer outros membros da família. Para os haitianos, os interesses da família se sobrepõem a qualquer projeto individual. O que mais os mobiliza na atualidade para esta Cooperativa de alimentos em Encantado é o fato de contratarem mais de um membro da família. Conseguem reproduzir as relações sociais conforme o padrão cultural haitiano, no qual as relações familiares são reforçadas por relações de proximidade física e social permanente. Tendo a família perto, podem recriar no Brasil elementos de identidade da cultura haitiana como a gastronomia e a música, por exemplo. As relações familiares representam mecanismos de proteção social determinantes entre os imigrantes. Sabem que para se sustentar precisam do ingresso de todos os membros da família. Entram em estados depressivos por não conseguir trazer a família junto.

Outro fator de motivação da imigração para Encantado é o tamanho do município, por ser pequeno possibilita a vida em comunidade, a solidariedade e ajuda mútua entre os imigrantes. Agir como ator coletivo empodera os imigrantes. Dado reforçado pela informação do acontecido com os casais enviados no início para as granjas da Cooperativa localizadas no meio rural, não gostaram porque ficavam isolados dos demais conterrâneos.

A esta dimensão social da imigração de haitianos para o Brasil também nos aproximamos num primeiro momento através da análise das representações sociais que impulsionam a mobilidade de haitianos para o Brasil. Para os haitianos o Brasil é um país rico, poderoso, estável economicamente, oferece melhor condição de vida do que o Haiti, gente feliz, bonita e simpática. Brasil é a terra prometida, representa uma espécie de *sonho americano*. Imagem favorecida pela atuação do Brasil como coordenador da Minustah.

Essa imagem do Brasil e do brasileiro, dois anos depois de estar em Encantado, muda. Como já apontam outros estudos, a experiência migratória não é estática. Na fase inicial da imigração, a receptividade do Brasil é um aliado a seus sonhos, mas, em muitos casos, passado um ou dois anos no local de assentamento se deparam com uma realidade totalmente diferente da que sonhavam e, para alguns, vira pesadelo. Dizem que os brasileiros no início os convidavam para ir a suas casas e a participar de práticas culturais como pesca, agora não mais. Essa desconstrução da imagem positiva do brasileiro também ocorre a raiz da convivência no ambiente de trabalho, no lugar de simpático e hospitaleiro o qualificam de mal educado e falso.

Criticam o temperamento conformista dos brasileiros, que ingressam na Cooperativa com dezoito anos e projetam suas vidas ali até se aposentar. Contrariamente aos brasileiros, eles afirmam que se já conseguiram começar de zero após o terremoto, então podem fazê-lo de novo e sair da Cooperativa. Em seus discursos, transmitem um espírito de luta que os identifica como haitianos e os distancia dos brasileiros, às vezes os contrapõe. Percebe-se que a continuidade imaginária da revolução haitiana ainda faz parte da contestação do poder, neste caso o financeiro. “Povo haitiano é bem solidário, se não sair tudo certinho vai virar uma bagunça. Nenhum haitiano vai querer trabalhar, vai ficar complicado”.

Observamos diversas situações em que a população haitiana expressa identidades coletivas em Encantado. No âmbito das identidades, distinguimos as evocadas pelos imigrantes haitianos para marcar fronteiras com a sociedade de acolhimento e as construídas ou reconstruídas a raiz da integração com a sociedade local. Quanto aos elementos de identidade utilizados para manifestar fronteira cultural com a sociedade local destacasse a língua materna.

Como destaca Cotinguiba (2014), no Haiti há duas línguas oficiais, o francês e o crioulo haitiano – *Kreyòl Ayisyen*. O francês opera como um demarcador social, define um *status* para quem o domina, seu conhecimento é indicador do grau de escolaridade, é a língua da burocracia. Já a língua materna e do domínio geral é o crioulo. Na pesquisa observamos que a comunicação em Kreyol é um recurso que os haitianos para evocar uma unidade, uma origem comum, dizem que em sua língua expressam a vontade seus sentimentos e excluem os brasileiros. A língua comum delimita as fronteiras dessa comunidade partilhada de dor, sofrimento e oposição em relação ao Brasil e os brasileiros. Como um deles disse, em kreyol expressam problemas de comunicação cultural que tem com a sociedade local. Nos discursos percebe-se que quando os haitianos referem-se ao Brasil o pensam a partir de Encantado.

Paradoxalmente, as diferenças linguísticas dificultam a comunicação com a sociedade local e em algumas ocasiões acarreta graves problemas para eles. Acontece quando não sabem falar português e precisam de atendimento médico ou acesso a outros serviços sociais básicos. Não tem condições de demandar perante a sociedade local desses serviços. Nesses casos recorrem à solidariedade dos haitianos que falam português e conseguem traduzir as necessidades. Só que como eles mesmos apontam, não é só problema de comunicação linguística, é um problema de comunicação cultural.

Um outro delimitador da identidade se reflete no sentimento de solidariedade, que não se expressa apenas nas relações entre os haitianos em Encantado, se estendem além das fronteiras. Tal como Jackson *et al* (2011) apontam em sua análise das geografias dispersas da migração haitiana, a experiência legal, racial,

política, social e econômica de viver em diversos lugares e as interconexões entre esses lugares através do parentesco, sítios de internet, alimentação, música e religião criam uma mistura complexa de solidariedade e distância.

No mesmo estudo, Jackson *et al.* (2011) assinalam que as identidades dos migrantes e o grau de conexão transnacional muda e é transformada ao longo do tempo e do espaço. A pesquisa diaspórica torna claro que o senso da comunidade transnacional partilhada nunca é uma constante apesar da distância e da experiência histórica, nem inevitavelmente perdida ao longo dos anos.

Através das relações sociais e de suas ações, os transmigrantes vivenciam a experiência da intersecção e interpenetração entre os países de origem e os de estabelecimento, expressa na afirmação e construção de identidades. Desta perspectiva, a transnacionalização se contrapõe à premissa neoclássica dos estudos sobre as migrações nacionais que estipulam que o imigrante buscará se integrar na sociedade receptora através da supressão de toda a manifestação pública de caráter identitário. Ao contrário, ancorados em estudos pioneiros sobre o assunto (BASCH *et al.* 1994), percebe-se que o transmigrante reconfigura sua identidade pública em relação a mais de um Estado-Nação sem esconder o pertencimento duplo. Fenômeno observado em diversas situações em que a população haitiana expressa identidades coletivas em Encantado.

Outra das manifestações de unidade e solidariedade dos haitianos foi a criação em abril de 2014 de um Comitê constituído por 7 membros. Sustentados no argumento de que, “grupos sem cabeça não tem como funcionar”. Justificam esta iniciativa inspirados na experiência histórica do Haiti, que mostra que a condução das decisões a partir de pequenos grupos dá mais resultado do que em grandes. Consideram que as decisões tomadas no Comitê vão beneficiar a totalidade de haitianos. Segundo os autores desta iniciativa, o objetivo é organizar a população imigrante para que fale de seus problemas, expresse suas demandas, seus sentimentos, receba apoio dos outros e se expresse culturalmente. O Comitê vai direcionar os haitianos pelo mesmo caminho, de maneira a evitar que fiquem perdidos. É uma estratégia que visa à ação coletiva.



Além da identidade cultural expressa em práticas culturais desenvolvidas junto à sociedade de assentamento. Identificamos a diáspora<sup>18</sup> haitiana (SCHILLER; JACKSON *et al.* 2011) a partir de Encantado em situações que evocam a unidade e identidade com os haitianos dispersos pelo mundo. A unidade a percebemos no uso da internet, eles utilizam este recurso para manter comunicação com haitianos que moram no Haiti e em outros países. Fazem reuniões pela internet, afirmam que o lugar não é problema para eles e que utilizam a internet não para “bater papo” mas para se comunicar. Também fazem referência constante à identidade com o país de origem. Expressam orgulho do Haiti, pois a diferença do Brasil, no Haiti circulam várias moedas (dólar, euro), falam duas línguas.

A internet também tem sido veículo de articulação entre imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul, membros da sociedade civil brasileira e organizações solidárias com a situação dos imigrantes haitianos no Brasil. Uma das ações dessa articulação tem sido a criação do grupo “Imigração de Haitianos no RS” no Facebook. Nessa página divulgam acontecimentos sociais como a Festa da Bandeira do Haiti, Programações de aulas de português, nascimentos e outros eventos sociais e culturais. Bem como contém dois instrumentos chave para os haitianos no Brasil, um deles é uma Apostila Creole – Haitiano- Português, que traduz palavras essenciais para a comunicação entre haitianos e brasileiros. O outro é uma Guia de Informação para os Haitianos acerca do trabalho, nela aparecem leis trabalhistas. Estes instrumentos foram criados pelo Ministério de Trabalho e Emprego Brasileiro. O primeiro foi editado em 2011 e o segundo em 2012.

Outra instituição que tem contribuído na melhora das condições de vida do imigrante haitiano no Brasil é a Congregação das Misionárias de São Carlos Borromeo –Scalabrinianas. Desde o início do processo de imigração no local de assentamento, os imigrantes tem tido o apoio da Congregação. Primeiro, no final de 2012 quando chegou o primeiro grupo de 58 haitianos, os leigos que fazem parte da Congregação os acolheu tratando de suprir suas necessidades primárias como o conhecimento da língua, ministram aulas de português, orientam no processo de legalizar a documentação necessária para entrar no mercado de trabalho, recolhem e distribuem entre eles roupas, móveis, utensílios. Os acompanham nos órgãos

---

<sup>18</sup> O termo diáspora se tornou um lugar comum, não só dos estudiosos do Haiti, mas de membros de todas as classes sociais em Haiti e de pessoas de origem haitiana em qualquer lugar de assentamento (Schiller; Jackson *et al.* 2011).

públicos quando precisam, no hospital e atendimentos de serviços públicos da saúde, na Delegacia de Polícia, nos Sindicatos, enfim, os acompanham em todas as necessidades. Em sua labor missionária percebem a importância da “escuta”, já que suas necessidades emocionais e humanas às vezes são maiores que as materiais. Os missionários dizem que o que obstaculiza a missão é o fato de serem poucos, e que desenvolvem essas atividades nas horas de lazer como voluntárias.

Esta Congregação, com o apoio dos leigos e dos padres da Paróquia trouxe um Padre haitiano para o sul do Brasil. Em conjunto apresentaram para a Direção Regional da Congregação esta necessidade, tendo conseguido o apoio de outros padres Scalabrinianos da Região. A presença do Padre visava apoiar os haitianos em suas dificuldades, principalmente nos problemas de comunicação entre eles e a sociedade local. Como o padre haitiano tem a mesma língua, pode servir de mediador entre seus conterrâneos e a sociedade local. Ajudar a vencer a dificuldade que tinham os leigos de manter reunidos os imigrantes, manter o contato, de exercer um controle social sobre eles. Sentem a necessidade de criar um espaço físico e social que os reúna, para manter um controle sobre eles e poder atender à missão. O Padre conseguiu um salão na Igreja onde eles poderiam se reunir. No fundo a origem comum os une.

Paradoxalmente, a maior parte dos haitianos se declara Evangélico, poucos são católicos. Para o Padre isso não é problema, o que interessa é saber que eles vão para a Igreja e agradecer a Deus, argumenta. Nas referências que os haitianos fizeram à Igreja, percebe-se que esta representa o espaço onde vivenciam sua religiosidade. Entendendo que a religião mais do que uma crença é um espaço de sociabilidade e de recriação de uma identidade cultural. É o Haiti no Brasil. Fazem sempre referencia constante a sua identidade haitiana e expressam orgulho de seu país.

## **Referências Bibliográficas**

ALLEGRI, Ermanno. Refundar uma nação livre e soberana In: **Haiti por si: a reconquista da independência roubada**. Organizado por Adriana Santiago. ADITAL, Fortaleza, Brasil, 2013.

ALMEIDA, Paulo Sérgio de. La política de migraciones brasileña y la migración haitiana a Brasil. *International Organization for Migration*,

de <http://www.iom.int/cms/en/sites/iom/home/what-we-do/migration-policy-and-research/migration-policy-1/migration-policy-practice/issues/october-november-2012/la-politica-de-migraciones-brasi.html>

BASCH, SCHILLER, and BLANC. **Nations Unbound**. Transnational Projects, Postcolonial Predicaments, and Deterritorialized Nation-States. Copyright 1994, Gordon and Breach Science Publishers.

COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Imigração haitiana para o Brasil – a relação entre o trabalho e processos migratórios**. Dissertação de mestrado em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Porto Velho, Rondonia, Brasil, 2014.

ESQUIVEL, Adolfo Perez. Um povo entre a dor e a esperança. In: **Haiti por si: a reconquista da independência roubada**. Organizado por Adriana Santiago. ADITAL, Fortaleza, Brasil, 2013

Intensificação de chegada de haitianos impõe desafio ao governo brasileiro. *Notícias Terra*. Acesso em 4 de Agosto, 2013, de <http://noticias.terra.com.br/brasil/intensificacao-de-chegada-de-haitianos-impoe-desafio-ao-governo-brasileiro,93cd4a935b040410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>

JACKSON, Regine. Foreword: Locality, globality and Popularization of a Diasporic Consciousness Learning from the Haitian Case by Nina Glick Schiller. In **Geographies of the Haitian Diaspora**. Edited by Regine O. Jackson. Routledge Taylor & Francis Group New York London. First published 2011.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Editora Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1985.

LOUDOR, Wooldy Edson. Uma história paradoxal. In: **Haiti por si: a reconquista da independência roubada**. Organizado por Adriana Santiago. ADITAL, Fortaleza, Brasil, 2013.

MAMED, Leticia Helena; OLIVEIRA de Lima, Euronice. Trabalho e migração internacional: o caso dos haitianos na Amazonia ocidental. Grupo de Trabalho 09 - Estrutura Social, dinâmica demográfica e migrações. Congresso ALAS, Santiago do Chile, 2013.

MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos – um estudo sobre imigrantes em Massachusetts**. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

SANTIAGO, Adriana et al **Haiti por si: a reconquista da independência roubada**. Organizado por Adriana Santiago. ADITAL, Fortaleza, Brasil, 2013.

SEGUY, Frank. A catástrofe de janeiro de 2010, a 'Internacional Comunitária' e a recolonização do Haiti. Tese de doutorado, Unicamp, Campinas, São Paulo, 2014.

SCHILLER, Nina Glick e Ayse Çaglor, (edited) **Locating Migration. Rescuing Cities and Migrants** Cornell University Press. Ithaca and London, 2011.

WOODING, Bridget y MOSELEY-WILLIAMS. Imigrantes haitianos y dominicanos de ascendencia haitiana en la República Dominicana. Ed. Cooperativa Internacional para el Desarrollo (CID) y el Servicio Jesuita a Refugiados y Migrantes (SJR). Santo Domingo, 2004.

ZAMBERLAM, Jurandir; CORSO, Giovane; CIMADON, João Marcos; BOCCHI, Lauro. **Os Novos Rostos de imigração no Brasil** – haitianos no Rio Grande do Sul. CIBAI Migrações. Pastoral da Mobilidade Humana, Brasil, 2014. 81p.